



Barbara Spaggiari

PARA A EDIÇÃO CRÍTICA DAS CARTAS DE LUÍS DE CAMÕES

CENTRE INTERNATIONAL
D'ÉTUDES PORTUGAISES DE
GENÈVE, SUÍÇA

SPAGGIARI, Barbara (2022) Para a edição crítica das cartas de Luís de Camões, *Revista de Estudos Camonianos* – Núm. Extra, «Ternate 2022», Macau: Rede Camões na Ásia & África, 15-19.

Antes de mais, há que esclarecer que esta intervenção concerne as cartas em prosa atribuídas a Luís de Camões. Cartas em verso no sentido próprio do termo, aliás, não se encontram nas obras de Camões hoje conhecidas. Não só não se pode excluir, mas seria altamente desejável, que uma pesquisa mais sistemática e aprofundada dos fundos conservados em bibliotecas e arquivos públicos (e, oxalá, particulares) traga novos achados relativos à vida e a obra de Camões.

Há cartas versificadas em redondilha, ainda que de autoria duvidosa (ALMEIDA 2011:242-243), mas faltam exemplos de epístolas redigidas em verso decassilábico (medida nova), e endereçadas por um poeta a outro, que se inspiram num modelo latamente horaciano, e que abordam assuntos vários de ordem filosófica, ética ou literária. Este tipo de correspondência poética, orientada no sentido da demonstração do próprio saber e da ostentação da própria pertença a um círculo de poetas ilustres, aparentemente não suscitava o interesse de Camões. Teria preferido manter-se afastado daquela roda de poetas contemporâneos que cultivavam, na esteira de Sá de Miranda, o género epistolar (António Ferreira, Pêro de Andrade Caminha, Diogo Bernardes). O que mais se aproxima, em Camões, de um certo padrão de carta em verso são as elegias em *terza rima* e, curiosamente, três oitavas, apesar de esta forma métrica ser por si estranha ao género epistolar.

A oscilação taxonómica reflete-se nas epígrafes. Por exemplo, o índice do *Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro* (RIBEIRO 1577:191v) regista como *Epistolae* as duas oitavas destinadas, respetivamente, a D. António de Noronha, *Quem pode ser no mundo tão quieto*, e a D. Constantino de Bragança, *Como nos vossos ombros tão constantes*.

Com a notável exceção de *Os Lusíadas*, na edição da obra camoniana é preciso enfrentar dois problemas, que são em primeiro lugar a definição do *corpus* e, a seguir, o estabelecimento do texto. As cartas em prosa de modo algum se podem subtrair a esse procedimento.

O destino das cartas em prosa constitui um caso algo excecional na história da tradição das obras camonianas. Se compararmos o seu itinerário com o conhecido fenómeno de diástole, que afeta vistosamente outros géneros, admira o facto de o *corpus* se ter mantido limitado, durante três séculos, ao par de cartas inicialmente publicado em *Rimas* de 1598: Carta I «mandada da Índia a hum amigo», *Desejei tanto hũa vossa*, e Carta II, «a outro amigo», *Esta vay com a candeia na mão*, (CAMÕES 1598:191r e ss).

As circunstâncias da publicação são igualmente singulares. Com efeito, as cartas faltam na *princeps* das *Rhythmas* (CAMÕES 1595, RH) e só aparecem no fecho do volume da segunda edição (CAMÕES 1598, RI), sem serem detentoras

de um particular destaque tipográfico, e mesmo sem figurar registadas na Taboada do volume. Tratando-se, aliás, de um livro de rimas, a presença das cartas em prosa no final parece indício de um acréscimo tardio, de algo fundamentalmente estranho às *Rimas* propriamente ditas e à sua estrutura hierárquica. Talvez a Taboada já estivesse composta e a agregação das cartas tivesse ocorrido no último momento, quase como se fosse um achado que poderia suscitar o interesse ou a curiosidade do leitor.

Este *corpus* mínimo manteve-se nas edições sucessivas das *Obras Completas* até ao século XIX, quando o Visconde de Juromenha tentou atribuir a Camões novas prosas que, posteriormente, se revelariam todas elas apócrifas. As autênticas novidades surgiram apenas no primeiro quartel do século XX, com uma terceira carta cujo *incipit* é *Õa vossa me derão*. Divulgada em 1904 (CUNHA 1904) e, numa dupla versão, em 1988 (PORTUGAL 1988), a Carta III foi escrita antes de março de 1553, portanto antes da partida de Camões para a Índia. Juntamente com a Carta II *Esta vem com a candeia na mão*, que integra o *Cancioneiro Juromenha*, a Carta III é a única transmitida por dois manuscritos da Biblioteca Nacional de Portugal, os COD 8751 e COD 9492 respetivamente. Este último manuscrito citado, o COD 9492, inclui uma importante recolha de cartas redigidas por personalidades da história ou da literatura, e endereçadas a vários destinatários, formando desta feita um livro de mão temático que se concentra no género epistolar. Nessa mesma fonte foram posteriormente encontradas mais duas cartas atribuíveis a Camões, ambas compostas antes da partida para o Oriente e difundidas no ano de 1925: 4. *Quanto mais tarde vos escrevo*, e 5. *Porque nem tudo seja falar-vos de siso*.

Trata-se de um grupo compacto de três cartas, transcritas em folhas contíguas:

1. «Carta pede e dá novas a outro amigo»: *Hũa vossa me derão* (anepígrafa).
2. «Carta de Lois de Camões a hũ amigo em que lhe dá novas de Lix.^a»: *Quanto mais tarde vos escrevo*.
3. «Carta que hum Amigo a outro manda, de novas de Lix.^a»: *Porque nem tudo seja* (anepígrafa).

Como acertadamente releva Fernando PORTUGAL 1988:9, *esta carta é de Camões se as outras duas ... também o forem*. O que não pode ser contestado. No momento da sua publicação, a última em particular, *Porque nem tudo seja*, suscitou reações violentas da parte dos camonistas da época: José Maria Rodrigues recusou-a devido à *pornografia olisiponense* (RODRI-

GUES 1925:156); Hernâni Cidade excluiu-a igualmente da sua edição, imitado por todos os editores posteriores. Interpretações mais tolerantes e inclusivas surgiram com Aquilino Ribeiro e, em época mais recente, com Helder Macedo.

Graças a esses descobrimentos do século XX, o número de cartas camonianas que conhecemos hoje em dia ascende a um total de cinco:

1.^a **Desejei tanto ãa vossa**

RI = *Rimas* 1598

2.^a **Esta vai com a candeia na mão**

dupla atestação: RI = *Rimas* 1598 e Jur = *Cancioneiro Juromenha*

3.^a **Õa vossa me derão**

dupla atestação: BNP COD 8751 e COD 9492

4.^a **Quanto mais tarde vos escrevo**

BNP COD 9492

5.^a **Porque nem tudo seja falar-vos de siso**

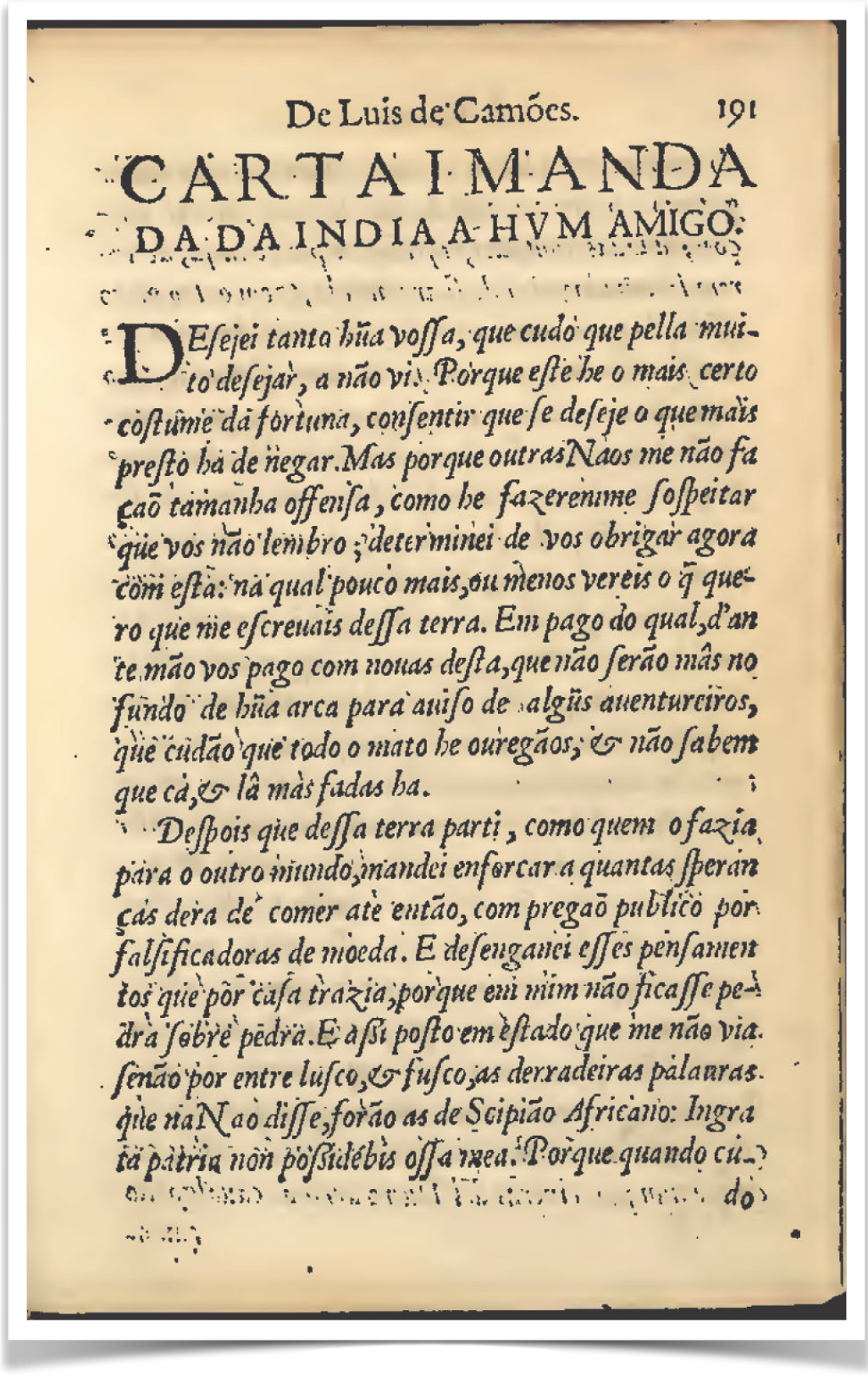
BNP COD 9492

Das cinco cartas que formam o *corpus*, duas apenas apresentam uma atestação plúrima, 2.^a, *Esta vai com a candeia na mão* RI + Jur, e 3.^a, *Õa vossa me derão*, COD 8751 e COD 9492.

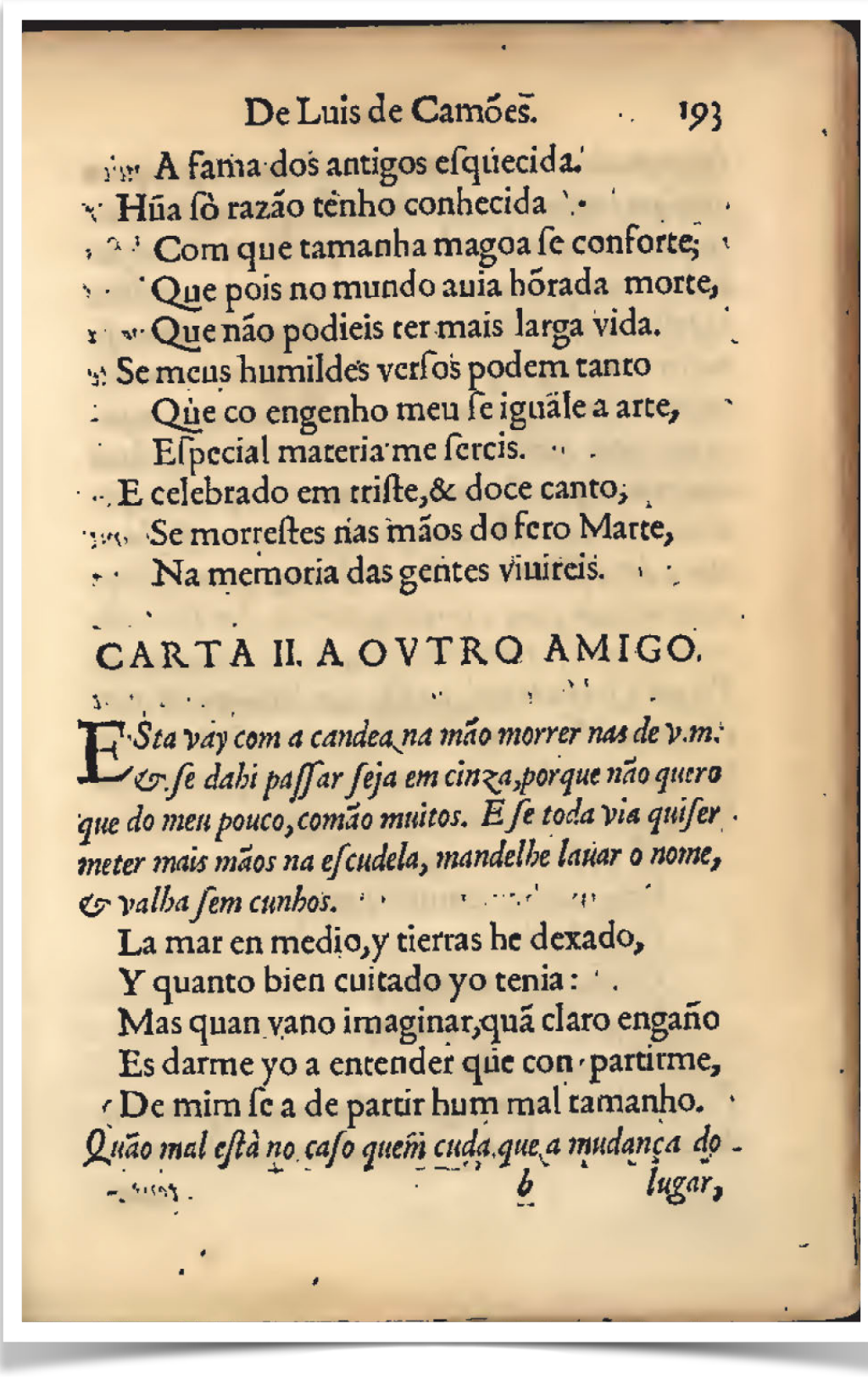
No que concerne à datação, todas as cartas em prosa foram escritas por Camões na década de cinquenta: três antes da partida do poeta para a Índia (em Março de 1553), a saber, 3.^a, *Õa vossa me derão*, 4.^a, *Quanto mais tarde vos escrevo*, e 5.^a, *Porque nem tudo seja*.

Das duas restantes, a 1.^a, *Desejei tanto ãa vossa* remonta ao período da estada de Camões no Oriente, como demonstram quer a epígrafe «Mandada da Índia a um amigo», quer algumas referências a acontecimentos ocorridos durante o ano de 1554. À 2.^a, *Esta vai com a candeia na mão*, foi dado curiosamente o título de *Carta de Ceuta*, apesar de ela ser apenas epigrafada como *Carta segunda*, sem menção a local quer na tradição impressa (a partir de RI), quer na manuscrita (*Cancioneiro Juromenha*). Assim sendo, integra também a edição oitocentista do Visconde de Juromenha.

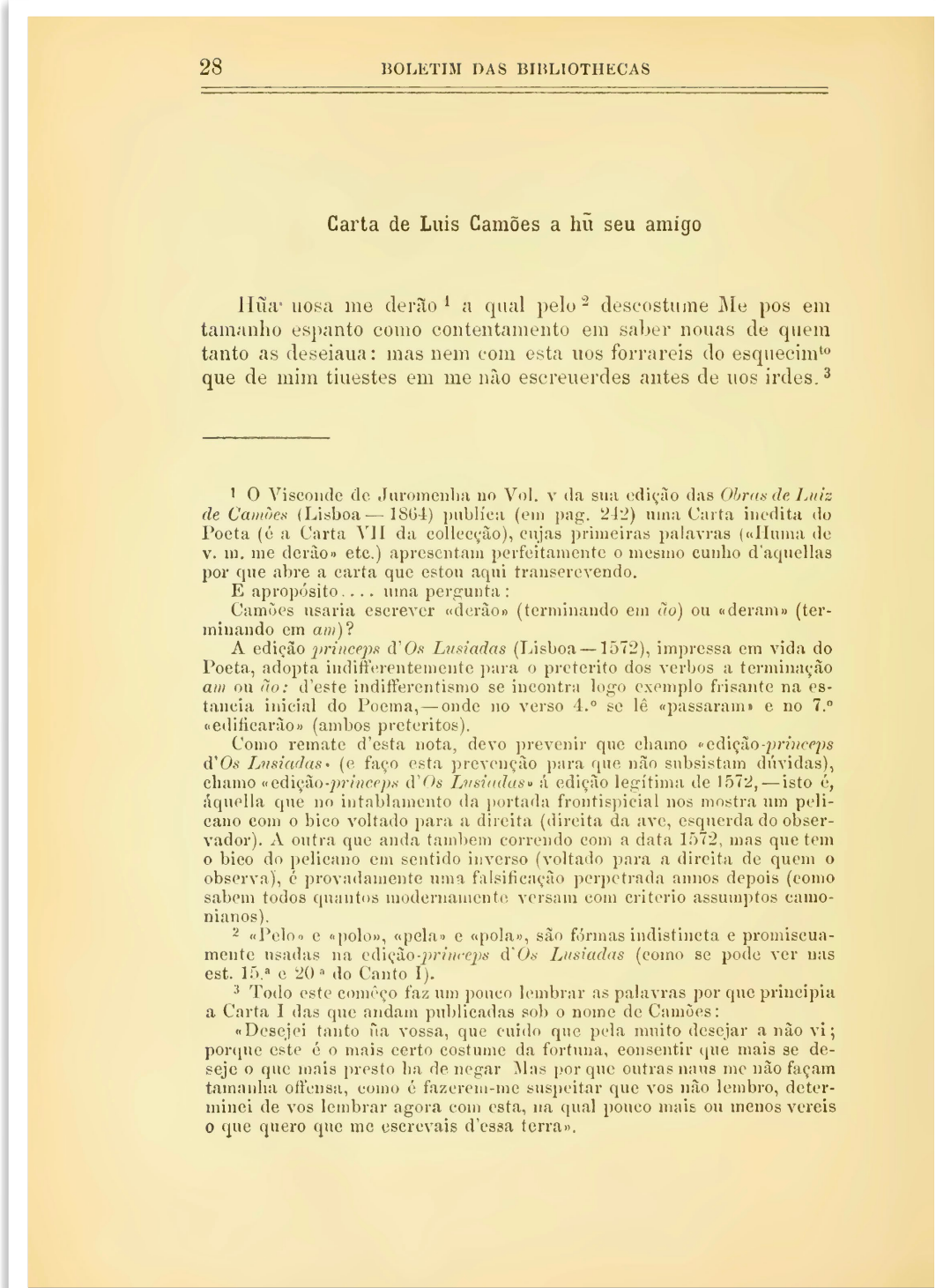
Qual foi, então, o editor / o crítico, que introduziu, sem justificação alguma, esta localização que não se encontra no paratexto dos dois testemunhos («Carta II: a outro amigo» RI. «Carta de Luis de Camõis a hum amigo», Jur.), e tão-pouco alcança pontos de apoio no conteúdo da carta?



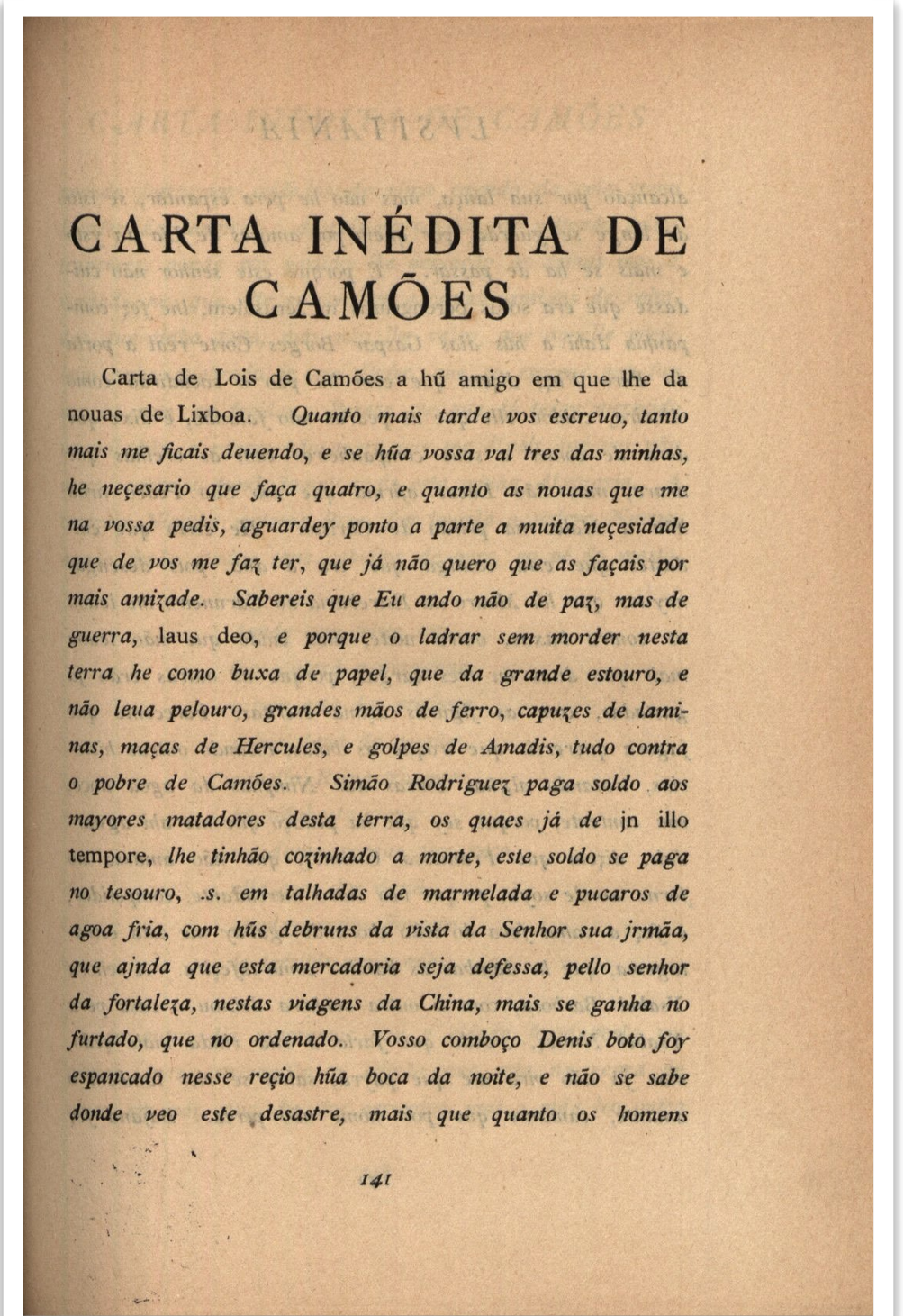
A primeira carta em prosa de Camões foi publicada por Estêvão Lopez nas *Rimas* de 1598.



A segunda carta em prosa foi publicada também por Estêvão Lopez nas *Rimas* de 1598.



A terceira carta em prosa foi publicada por Xavier da Cunha no *Boletim das Bibliotecas* de 1904.



A quarta carta em prosa foi publicada por José Maria Rodrigues na *Lusitânia* de 1925.

Foi Wilhelm Storck o responsável, esse mesmo Wilhelm Storck que construiu a fábula da carta de Ceuta na sua *Vida de Camões*. Escreve esse crítico oitocentista que, precisamente, no período em que Camões vivia em Ceuta,

houve intervallos de calma e resignação, e mesmo de bom humor satírico [...]. Em taes momentos dava como remediado o que não tinha remedio. Foi certamente em uma destas reviravoltas do seu espirito que escreveu a carta em prosa a hum amigo de Lisboa. [...] Repito, quem falla assim é o valente soldado que perdeu durante a estada na Africa um dos olhos» [nosso o grifo].

STORCK 1898:404-405

Vd. a nota de Carolina Michaëlis de Vasconcellos: *Remetto o curioso ao segundo volume desta obra: 'Excursão sobre as Cartas em prosa'*. Numa página não numerada, que fecha o volume traduzido, lê-se outra anotação, com data de *Porto, 30 de março de 1898*:

Conforme se declara no frontispicio, esta obra consta de duas «Partes». A primeira contém uma tradução exacta, embora não sempre litteral, do texto allemão de Wilhelm Storck. (...) A «Segunda Parte» abrange estudos sussidiarios da traductora, que completam ou modificam os resultados e os pontos de vista do illustre auctor (...). Como alguns d'estes additamentos assumiram o character de dissertações extensas, que engrossariam excessivamente o volume, preferimos reservá-las para um segundo tomo, a seguir no decurso d'este anno.

VASCONCELLOS, *apud* STORCK 1897:s/p

Não resulta um ensaio com este título na bibliografia da filóloga que seja posterior ao ano de 1898.

No momento de editar a sua monumental tradução da obra camoniana, o próprio Storck será mais cauteloso: de facto, logo depois do título da peça (CLVI, *An einen Freund*) acrescenta entre parêntesis (*Aus Ceuta?*), STORCK 1880,I:311. O sobressalto de prudência escapou aos críticos posteriores que, fascinados pela imaginação de Storck e pela afabulação biográfica, continuaram a indicar a Carta II como escrita de Ceuta, alterando por conseguinte a sua datação.

Não podendo enfrentar o assunto nesta ocasião, direi apenas que tanto o tom zombeteiro, como a forma de misturar estrofes com provérbios em prosa, orienta, antes de mais, uma valorização das semelhanças que a

carta tem com os *Disparates seus na Índia*. O que, evidentemente, autoriza a hipótese de a carta ter sido escrita não em África, mas sim no Oriente.

É interessante aprofundar outros aspetos que tocam à Carta II, *Esta vai com a candeia na mão*. Primeiro, cabe precisar a definição do género a que pertence: fala-se de prosímetro, de centão, ou, o que talvez resulte mais apropriado, de carta de girões; vd. Solano Constancio s.v. *carta de girões: carta com passagens em diversas linguas e ditos de varios autores*, (CONSTANCIO, s.v.).

De facto, a Carta II inclui nada menos do que trinta passos em verso, que se podem dividir em duas categorias: ditos proverbiais e citações literárias. Os cerca de vinte provérbios intercalados por Camões encontram-se também nas obras teatrais de António Prestes, António Ribeiro Chiado e, sobretudo, Jorge Ferreira de Vasconcelos. Muitos deles estão registados no *Florilégio* de Bento Pereira (PEREIRA 1655).

Além disso, a Carta II contém algumas autocitações do próprio Camões, uma série de versos colhidos em Boscán (soneto 85) e Garcilaso (soneto 3 e elegia 2); três citações provindas da égloga *Crisfal*, de Cristóvão Falcão; três, igualmente, dos poemas de Jorge Manrique; uma do *Romancero general* e uma da *Flor de enamorados* (ANON. 1562).

Com efeito, esta carta resulta

da justaposição sistemática de palavras, frases, versos, ou fragmentos de versos, que Camões se limita a cimentar com material conectivo da sua própria lavra, conferindo às várias tesselas que compõem o mosaico uma disposição coerente e lógica, que, afinal, cria a ilusão de que se trata de uma verdadeira carta em prosa.

SPAGGIARI 2018:103-104

Nesta carta de girões, Camões seleciona expressamente o registo baixo, com o intento de se afastar dos modelos italianos renascentistas. Contudo, misturadas com esse registo baixo, surgem reflexões filosóficas sobre o tema do desengano, sobre os princípios do estoicismo e, em geral, revela-se uma visão desencantada e melancólica do mundo.

A circulação de cartas seguia caminhos só em parte coincidentes com os da poesia lírica, como o mostram as palavras do próprio Camões:

Esta vai com a candeia na mão morrer nas de v. m.; e se dahi passar, seja em cinza, porque nam quero que do meu pouco, comam muitos; e se

todavia quiserem meter mais mãos à escudela, mande-lhe lavar o nome, e valha sem cunhos.

Uma vez retirada a assinatura do autor e, portanto, transformada em anónima, uma carta podia ser posta à venda porque, precisamente, estão em causa composições *de folgar*, cheias de alusões, brincadeiras, e, sobretudo, citações. As preferências do público privilegiavam as rimas jocosas, as redondilhas de *Perdigão que perdeu a pena*, ou então, peças muito conhecidas da poesia espanhola contemporânea. Essa rede interdiscursiva é, por sua vez, intercalada por provérbios ou sentenças que pertencem ao património da sabedoria popular.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Isabel (2011) s.v. Cartas de Camões, *Dicionário Camões*, Alfragide: Caminho, 241-249.
- ANON. (1562) *Cancionero llamado Flor de Enamorados*, Barcelona: Claudi Bernat.
- CAMÕES, Luís de (1595) *Rhythmas* [ed. de Fernão Rodrigues Lobo Soropita], Lisboa: Manoel de Lyra.
- CAMÕES, Luís de (1598) *Rimas*, ed. de Estêvão Lopez, Lisboa: Pedro Crasbeeck.

- CAMÕES, Luís de (1985⁴) *Obras completas*, Hernâni Cidade, ed., Lisboa: Sá da Costa, vol. III Autos e cartas.
- CONSTANCIO, Francisco Solano (1836) *Novo Dictionario critico e etymologico*, Paris: De Casimir.
- CUNHA, Xavier da (1904) Uma carta inédita de Camões, *Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionais*, 3º Ano, 26-50.
- PEREIRA, Bento, S. J. (1655) *Florilegio dos modos de fallar, e adagios da lingua portuguesa*, Lisboa: Paulo Craesbeeck.
- PORTUGAL, Fernando Filipe (1988) As duas versões de uma carta camoniana, *Revista da Biblioteca Nacional* III, 2, 7-20.
- RIBEIRO, P.e Pedro (1577) *Cancioneiro*, índice por Barbara SPAGGIARI, <https://ciep-ge.com/PR4.pdf>.
- RODRIGUES, José Maria (1925) Carta inédita de Camões, *Lusitania*, V-VI, 145-157.
- SPAGGIARI, Barbara (2018) *Cancioneiro Juromenha*, ed. de B. S., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- STORCK, Wilhelm (1880) *Luis de Camoens Sämmtliche Gedichte*. I. Lieder und Briefe, Paderborn: Ferdinand Schöningh.
- STORCK, Wilhelm (1898) *Vida e Obras de Luís de Camões*. Primeira parte, Versão do original alemão anotada por Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Lisboa: Academia Real das Sciencias, 404-405.